

Área de rico, não área de risco: recortes da luta por terra, teto e trabalho na pandemia de COVID 19

Fotos: Lucas Lacaz Ruiz *

Contexto das fotografias

Texto: Natália Mayumi Bernardino Tamanaka

A menos de 100km da capital do Estado de São Paulo, Brasil, está a cidade de São José dos Campos. Uma cidade de 254 anos de idade e que abriga na área central um local bastante famoso: o Banhado, uma área de várzea que no passado era alagada pelo Rio Paraíba do Sul. O local é considerado o cartão postal da cidade e eleito entre internautas de sites de viagem o melhor lugar para apreciar o pôr do sol. Porém o que esses sites turísticos não mostram é o mesmo que a cidade tenta esconder: muito além do ponto turístico, o Banhado é a casa de mais de 400 famílias.

Segundo os moradores, a ocupação da área começou antes da data reconhecida pelo poder público, em 1931. Teve início com a chegada de negros e caboclos fugidos de fazendas da região que mesmo após a abolição da escravatura no Brasil em 1888, ainda mantinha pessoas escravizadas. Além disso, de acordo com relatos de moradores, nessa época havia a presença de indígenas na concha do Banhado. A ocupação da área intensificou-se após a Crise de 29, com os camponeses flagelados pela crise na exportação de café que migravam do campo para a cidade. Do seu início até hoje, a favela abrigou diversas populações excluídas e marginalizadas. Após execução de um dos planos de erradicação de favelas do município, várias famílias despejadas da Favela da Linha abrigaram-se no Banhado como alternativa aos bairros periféricos construídos para abrigar-los, distante de toda a infraestrutura que já estavam habituados, demonstram os lamentos das famílias por perderem a proximidade com a região central.¹

Durante a Segunda Guerra Mundial o Banhado também recebeu imigrantes europeus e asiáticos que fugiam de seus países. As primeiras casas da área foram construídas próximas da antiga linha de ferro Central do Brasil.²

Durante todo o período de intensificação da industrialização, no período nacional desenvolvimentista, São José dos Campos foi se adensando e consequentemente expandindo o número de favelas e aumentando as já existentes principalmente na

área central. Há mais de 100 anos, quando as primeiras pessoas se instalaram no Banhado, esse era um território de pouco ou mesmo nenhum interesse econômico, pois tratava-se de uma área alagadiça, que convivia com as cheias do Rio Paraíba do Sul. Até hoje a água é um elemento presente na vida da comunidade. Porém, recentemente, essa área passou a ser objeto de interesse do capital e as famílias moradoras são vítimas constantes de tentativas de remoção.

Na competição para atração de capital, as cidades se empenham em esconder seus pobres, negam suas misérias e desigualdades. Entretanto, uma favela no meio do cartão postal evidencia a omissão do Estado, que há anos tenta remover a comunidade do Banhado.

Em meio a maior pandemia moderna, as tentativas de remoção não recuaram e as estratégias foram modificadas. A Prefeitura tenta desarticular os moradores, utiliza pressão psicológica e oferece valores monetários para os moradores que aceitem deixar a área e ainda demolirem por conta própria os seus barracos.

No dia 05 de novembro de 2021 os moradores foram surpreendidos com a notícia de uma coletiva de imprensa chamada pelo atual prefeito da cidade onde foi anunciado uma nova indenização no valor de R\$115.000,00 por família. Essa proposta de conciliação foi protocolada na justiça e aguarda o aceite dos moradores. O pagamento, entretanto, depende da desocupação total da área.

Elaine Lopes, uma das lideranças do bairro, conta que os moradores foram surpreendidos pela notícia através de um radialista que havia sido convidado para a coletiva.

As fotografias de Lucas Lacaz Ruiz retratam a realidade da comunidade do Banhado que, como tantas outras comunidades em toda a América Latina, não pode seguir as palavra de ordem “Fique em casa”, que se configurou como uma mera abstração diante da necessidade cotidiana de colocar seus corpos em risco para lutar pela sobrevivência e pela efetivação de direitos sociais elementares diante de uma gestão pública profundamente lamentável da pandemia, com auxílio emergencial tardio, vacinação deficitária e a dificuldade de conseguir bens básicos para proteção e alimentação em função da pressão inflacionária e da precarização do trabalho. Ao mesmo tempo, as fotografias trazem a articulação de redes de luta e solidariedade e que visibilizam a importância do poder popular na luta por uma sociedade livre, justa e solidária.



Fotografia 1 - Barrados na coletiva

Na porta do Paço Municipal, impedidos pela equipe de segurança de entrar e participar da coletiva sobre o seu próprio bairro, Elaine discursa em um megafone, essa é a forma que os moradores encontram de resistir e expor o seu lado já que os canais institucionais e a mídia tradicional não os possibilita fazê-lo. Trazemos abaixo um trecho da sua fala:³

“Os próprios guardas municipais nos espancam, nos oprime e nos criminaliza. De 100 núcleos da cidade que não são regularizados o Banhado é o único que é criminalizado e oprimido. Porque não pode entrar material de construção, não pode entrar um móvel. Por que? Porque nós estamos em área de rico, nós não estamos na área de risco. Nós estamos na melhor área de São José dos Campos, de onde querem nos tirar. É nosso direito. Nós temos a escritura definitiva. ‘Senhor prefeito, o senhor sabe né? Tem 12 moradores com escritura definitiva e o restante já tem usucapião, o senhor não pode retirar os moradores, o senhor não pode nos calar’. A cidade tem que saber: que a ação do prefeito foi extinta. A desocupação do Banhado não vai acontecer. Ele [o prefeito] chamou uma coletiva de imprensa onde nós não estamos. O medo do senhor é o que? É eles saberem que a regularização fundiária do Banhado vai ser uma realidade? O prêmio de urbanização do Banhado já ganhou 4 prêmios! Inclusive um internacional e a cidade não sabe disso! Ele está negando o nosso direito de ouvir o nosso lado. O Banhado resiste e vai resistir! Prefeito chama a gente para coletiva!”



Fotografia 2 y 3 - Área de rico, não área de risco

A fala da liderança traduz de forma clara porque a presença da comunidade é tão incômoda para o poder público municipal: essa comunidade está no coração da cidade, em área nobre, em área de grande interesse do capital. **Área de rico, não área de risco.**



No dia 20 de novembro os moradores fizeram uma manifestação na Praça Afonso Pena, na área central da cidade. Entre as pautas do protesto estava o apelo para a fome que voltou a assolar o Brasil em função das altas taxas de desemprego e do fim do auxílio emergencial.^{4 5 6}

Quem tem fome, tem pressa^{7 8}

Um dos principais argumentos utilizados contra a remoção da comunidade do Banhado consiste justamente no aspecto da segurança alimentar que o local permite. Muitos moradores se alimentam de vegetais e frutas que estão disponíveis na área e outros ainda tiram sustento ao comercializar esses alimentos. Diante do aumento com o custo da alimentação. A remoção das 400 famílias em nome do capital significa condená-los mais do que nunca à fome!

Fotografia 4 - Farelo não é comida, lixeira não é feira



Fotografia 5 - Osso não é carne

Fotografia 6 - Educação ambiental e soberania alimentar



Outras ações são constantemente realizadas no local, seja pelos próprios moradores, seja por apoiadores da comunidade. Com o intuito de ensinar educação ambiental e divulgar as belezas e importância do Banhado para a cidade, os moradores recebem com frequência, passeio de escolas.



Fotografia 7 - Salários em reais, gás em dólar ⁹

Em comemoração ao 10 de maio de 2021 o Sindicato dos Petroleiros doou voucher de gás para a comunidade do Banhado. Na ocasião o botijão já chegava a cifra de R\$100,00.

* Lucas Lacaz Ruiz: Repórter fotográfico da agência 13 e educador ambiental. Nascido em São Paulo, Lucas Lacaz Ruiz morou pouco tempo na capital e se mudou para São José dos Campos. Estradeiro e inquieto, Lacaz já percorreu o país em duas expedições: uma rumo ao nordeste, para o Rio Grande do Norte. Na segunda seguiu para o Chui, no Rio Grande do Sul. É casado e pai de dois filhos Syrah Luiza e João Malbec. Ambos os filhos têm nomes compostos inspirados nos nomes das uvas de seus vinhos preferidos. Natália Mayumi Bernardino Tamanaka: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), bolsista CAPES, na área de concentração Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2018) lucaslacazruiz@yahoo.com.br

Notas

¹ Rosa Filho, A. (2002). As políticas públicas do poder executivo na remoção e/ou reurbanização de favelas no município de São José dos Campos – SP. Dissertação de Mestrado, UNIVAP.

² Ibidem.

³ Prefeitura apresenta nova proposta a famílias do Banhado. <<https://revistaurbano.com.br/prefeitura-apresenta-nova-proposta-a-familias-do-banhado/>>

⁴ O que é o auxílio emergencial? <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>>

⁵ O auxílio emergencial chega ao fim e deixa 25 milhões sem renda após 16 meses. <<https://economia.ig.com.br/2021-11-19/auxilio-emergencial-fim.html>>

⁶ Brasil fecha 2021 com 12 milhões de desempregados, diz IBGE <[https://www.poder360.com.br/economia/brasil-fecha-2021-com-12-milhoes-de-desempregados-](https://www.poder360.com.br/economia/brasil-fecha-2021-com-12-milhoes-de-desempregados-diz-ibge/)

[diz-ibge/](https://www.poder360.com.br/economia/brasil-fecha-2021-com-12-milhoes-de-desempregados-diz-ibge/)>

⁷ Ação da Cidadania. Música tema da campanha Natal Sem Fome 2020 composta por Xande de Pilares, Gilson Bernini, Emicida e Mosquito. <<https://www.youtube.com/watch?v=cu-JBXjiwqY>>

⁸ Ossos de boi, arroz e feijão quebrado formam cardápio de um Brasil que empobrece. <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-25/arroz-quebrado-bandinha-de-feijao-e-ossos-de-boi-vaio-para-o-prato-de-um-brasil-que-empobrece.html>>

⁹ Preços da gasolina e do gás de cozinha caminham para recorde no século, diz OSP. O Observatório Social da Petrobras defende mudanças na política de preços da estatal, que prevê reajustes alinhados ao preço de paridade de importação (PPI). <<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/10/28/precos-da-gasolina-e-do-gas-de-cozinha-caminham-para-recorde-no-seculo-diz-osp.ghtml>>